

BANCALARI MOLINA, Alejandro. *Orbe Romano e Imperio Global. La Romanización desde Augusto a Caracalla*. Santiago: Editorial Universitaria, 2007, 330p.

Profa. Dra. Juliana Bastos Marques<sup>1</sup>

Augusto Bancalari Molina é professor titular de História no Departamento de Ciências Históricas e Sociais da Universidade de Concepción, no Chile. Apesar da proximidade geográfica do autor com o Brasil, no entanto, foi apenas através de uma resenha no *Bryn Mawr Classical Review*<sup>2</sup> que pude tomar conhecimento de seu recente livro sobre a romanização. No que pese a relevância dos comentários do resenhista do BMCR sobre o livro, creio ser útil adicionar algumas considerações a respeito da obra, também com o intuito de divulgá-la para o público de língua portuguesa, em especial no Brasil. De fato, trata-se de uma síntese crítica bastante erudita e atualizada sobre as questões teórico-metodológicas relacionadas ao polêmico tema da romanização, que tem passado recentemente por releituras pós-modernas e tomado uma nova relevância em face à realidade integrada do mundo contemporâneo.

Em consonância com as preocupações de fundo de muitos estudiosos atuais do tema, tais como Richard Hingley e Greg Woolf, Bancalari Molina tem como objetivo último de seu texto apresentar e indiretamente provocar uma discussão sobre a relevância da romanização para nosso mundo, na medida em que ela é entendida como uma primeira grande instância de globalização na história do ocidente. O autor vê as características da romanização, ou seja, da construção de uma paulatina unidade entre os conquistadores romanos e as populações locais do império, como um processo civilizador, “*hasta confluir en una cultura e identidad común*” (p. 27). Por isso, delimita seu estudo entre os períodos de Augusto (27 a.C.-14 d.C) e de Caracala (211-

---

<sup>1</sup> Professora adjunta, UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

<sup>2</sup>Gagliardi, L. Alejandro Bancalari Molina, *Orbe Romano e Imperio Global: La Romanización desde Augusto a Caracalla*. Santiago: Editorial Universitaria, 2007. Pp. 331. ISBN 9789561119741. \$28.00. , *Bryn Mawr Classical Review*, 2008.12.35. Disponível em <http://bmcr.brynmawr.edu/2008/2008-12-35.html> (acesso em 19/01/2010).

217 d.C.), quando a extensão da cidadania para todo o império completa esse processo e permite a instauração de uma nova ordem jurídica e social.

Mesmo assim, o maior mérito do trabalho ainda está na sua capacidade de síntese e discussão das diferentes interpretações dos estudiosos sobre o tema (capítulos 1 e 2) e na útil e sistemática apresentação das variáveis e fatores que o autor considera como mais importantes no processo de romanização (capítulo 3). O formato de trabalho de Bancalari Molina se revela através do índice, pois este se assemelha bastante ao estilo alemão de escrita acadêmica, com vários itens e subitens, tornando fácil e objetiva uma busca pontual por determinado assunto. Várias fotografias sem indicação de crédito (ou seja, provavelmente feitas pelo próprio autor) enriquecem a edição.

O capítulo 1 introduz uma discussão sobre conceitos teóricos relacionados à romanização e ao imperialismo, retomando a discussão de William Harris<sup>3</sup> e outros autores de língua inglesa sobre os motivos políticos, econômicos e estratégicos da expansão romana durante a República, e também faz uma crítica sobre o uso dos termos *romanitas* e identidade. Quanto a estes, é importante salientar a relevância do rigor crítico de Bancalari Molina, pois ambos os termos têm sido utilizados por estudiosos do tema sem uma percepção maior dos anacronismos que podem carregar. Afinal, as múltiplas “identidades” de que fala o mundo contemporâneo<sup>4</sup> respondem bem mais às nossas próprias ansiedades e necessidades do que à percepção antiga da sociedade. No caso da *romanitas*, seria talvez até mais apropriado indicar já na primeira utilização do termo no texto (também na p. 27) a sua especificidade histórica. Dado que este é um termo utilizado pela primeira vez apenas por Tertuliano, no séc. III d.C.<sup>5</sup>, de forma restrita e *en passant*, o uso da palavra *romanitas* como sinônimo de “identidade romana” só pode ser feito na medida em que reconhecemos o aspecto recente e o contexto teórico de sua banalização.

O capítulo 2 apresenta, como vimos, uma síntese da discussão bibliográfica a respeito do tema da romanização, desde os modelos de Mommsen e Haverfield e dos autores marxistas até as interpretações recentes da “criolização” e da globalização, com a qual o autor se alinha abertamente. Pela sua clareza e sistematização, trata-se de uma

---

<sup>3</sup> Harris, W. *War and Imperialism in Republican Rome: 327-70 BC*. Oxford: Oxford University Press, 1979.

<sup>4</sup> BRUBAKER, R.; Cooper, F. Beyond Identity. *Theory and Society*, 29/1, Feb. 2000, pp. 1-47.

<sup>5</sup> Tertuliano, *De Pallio*, 4.1.

introdução bastante útil ao tema, que pode e deve ser utilizada como referência. Já o capítulo 3 é o ponto principal do livro, em que o autor enumera e explica os onze principais fatores e variáveis que considera determinantes no processo de romanização, a saber: 1. a integração das aristocracias locais e provinciais; 2. a definição da cidadania; 3. a coexistência dos direitos romano e local; 4. a imagem do imperador como determinante do sistema político do Império; 5. a economia “global”, irradiada do Mediterrâneo para as periferias; 6. o sistema educacional; 7. a difusão das tecnologias; 8. As estruturas de comunicação; 9. o papel do exército; 10. O culto imperial e; 11. a urbanização.

O pequeno capítulo 4 traz um esboço de análise de algumas passagens das fontes antigas a respeito da expansão do mundo romano, contrapondo testemunhos favoráveis (Flávio Josefo, Tácito, Élio Aristides, Apiano e Tertuliano) e desfavoráveis (de novo Tácito, e a caracterização de Mitrídates VI). Este talvez seja o capítulo mais fraco da obra, não apenas por não se aprofundar muito na discussão crítica dos textos selecionados, no que perde uma excelente oportunidade de estudo, mas também pelas conclusões imprecisas e apressadas. Por exemplo, ao utilizar Tácito como ao mesmo tempo defensor (o discurso de Petílio Cerial nas *Histórias*, IV, 69-74) e crítico (o discurso de Calgaco no *Agrícola*, 29-38) do imperialismo romano, Bancalari Molina passa totalmente ao largo da importância da retórica na construção dos pares de discurso dicotômicos em que ambos os trechos se encontram. Em que pese a sutil e complexa analogia que Tácito constrói entre *libertas* e escravidão na luta dos povos conquistados e no Senado romano<sup>6</sup>, não é simplesmente uma vaga “postura contraditória” pessoal do historiador que poderia justificar as diferentes visões apresentadas em seu texto. Por fim, o capítulo 5 aprofunda algumas questões relacionadas aos períodos de Augusto e de Caracala, da expansão do *orbis Romanum* em direção ao *orbis terrarum*.

Sem dúvida, trata-se de um estudo bastante útil, atualizado e relevante. Porém, ao terminar a leitura da obra, fica patente que dois dos principais objetivos do texto, enunciados na introdução, não encontraram o espaço que lhes foi anunciado. Em primeiro lugar, a ponte entre a “globalização” no período romano e o processo atual de globalização fica algo difusa e incompleta, dada a escolha que o autor faz em não entrar no mérito teórico-conceitual do termo globalização (p. 32). No entanto, é importante dar

---

<sup>6</sup> JOLY, F. D. *Tácito e a metáfora da escravidão*. São Paulo: EDUSP, 2004.

crédito à ênfase que o autor dá para a relevância do mundo antigo no mundo contemporâneo, ainda que suas reflexões sirvam mais como um convite ao debate. Em segundo lugar, Bancalari Molina propõe uma abordagem que também é muito relevante para nós brasileiros, a da periferia acadêmica da América Latina, no caso “*desde las antípodas del mundo (Chile) – el limes más recóndito del Occidente*” (p. 34). Infelizmente, aqui também falta um desenvolvimento maior. O diálogo do autor com a bibliografia está concentrado nos autores do hemisfério norte, em especial os britânicos e espanhóis, o que de certa forma é análogo à própria sensação de isolamento que por vezes ocorre com os estudiosos brasileiros da Antiguidade. Assim como no Brasil podemos nos beneficiar com o diálogo com outros estudiosos latino-americanos, que partilham de muitos de nossos questionamentos e dificuldades, creio que também seria pertinente no caso o diálogo com autores brasileiros que têm publicado trabalhos sólidos sobre o tema da romanização, como Norma Musco Mendes, Norberto Luiz Guarinello e Pedro Paulo Abreu Funari. Por ora, o livro do Prof. Bancalari Molina se apresenta como uma excelente possibilidade para que no futuro próximo possamos construir e consolidar esse diálogo.